

UM SOLO DE SORVETE

Barbara Baumgardner

Fracassei em minha primeira noite sozinha – meu primeiro solo. de cinema desde que fiquei viúva. Não foi difícil comprar o ingresso e as pipocas. Não tive maiores problemas até mesmo para me sentar em uma grande sala de projeção. Fiquei tão absorta no filme, que até me surpreendi quando as luzes acenderam e descobri que estava sozinha.

Enquanto me dirigia ao carro, as lágrimas brotaram. Não tinha ninguém com quem compartilhar um sorvete depois do filme, e, de repente, isso parecia algo muito, mas muito mesmo, importante.

Saí da garagem e entrei na cozinha, aos prantos. Aos berros, apresentei minha lamúria para Deus: "Quando isto vai terminar? Quanto tempo mais, Senhor, vai ser necessário até que eu aprenda a desfrutar as coisas sem um companheiro?". As ondas da solidão varreram meu ser mais uma vez e, por alguns instantes, cedi à maré de tristeza.

Quando parei de chorar, senti que estava melhor, mas ainda queria um sorvete. Embora me sentisse um pouco tola, fiz um convite: "Senhor, aceitaria tomar um sorvete comigo?".

Sentindo-me ainda mais tola, enchi duas tigelas com sorvete crocante que tinha no freezer e, em meio às risadinhas, perguntava-me: "Parece que estou realmente fazendo isto, não é mesmo?".

Lá fora, no terraço de casa, sob milhões de estrelas tremeluzentes, tomei prazerosamente o conteúdo das duas tigelas, saboreando cada colherada na companhia do Senhor. E, assim, lembrei-me de Sua promessa: Não vos deixarei órfãos; voltarei a vós. (João 14.1 8; MELHORES TEXTOS).